



A EMERGÊNCIA DA PASTORAL CRISTÃ: UMA PERSPECTIVA GENEALÓGICA¹

CÍCERO EDINALDO DOS SANTOS²

RESUMO: Esse artigo tem o objetivo de compreender a emergência da pastoral cristã, a partir de uma perspectiva genealógica. Com abordagem qualitativa, descritiva e explicativa, utiliza a Sagrada Escritura como um monumento histórico-religioso, focalizando distintos enunciados. Considera que a pastoral cristã emergiu no século I. A vontade de condução articulava-se a manutenção da fé monoteísta e a promessa de salvação. Identificava e regulamentava modos de existência específicos. Almejava ações práticas.

PALAVRAS-CHAVE: Pastoral cristã, Sagrada Escritura, Genealogia.

ABSTRACT: This article aims to understand the emergence of Christian pastoral, from a genealogical perspective. With a qualitative, descriptive, and explanatory approach, it uses Sacred Scripture as a historical-religious monument, focusing on different statements. Considers that Christian pastoral emerged in the century I. The will to guide was linked to the maintenance of the monotheistic faith and the promise of salvation. It identified and regulated specific modes of existence. It aimed at practical actions.

KEYWORDS: Christian pastoral, Sacred Scripture, Genealogy.

Ao longo dos séculos, a pastoral cristã elaborou técnicas e procedimentos variados para convencer e converter homens e mulheres a determinados preceitos religiosos, fazendo-os obedecer ao que era imposto como verdadeiro e transcendente. Resistente, multifacetada e operante, a pastoral cristã tem um extenso itinerário que merece ser pesquisado e aprofundado por distintos vieses de investigação. Uma das formas de estudá-la é a partir da metáfora de relação triangular que expressa a vontade de condução de uns por outros, mais especificamente as relações entre “o pastor, a ovelha e o rebanho” (FOUCAULT, 2008).

Esse artigo pretende contribuir para o aprofundamento dessa temática, com a finalidade de compreender a emergência da pastoral cristã a partir de uma perspectiva genealógica, focalizando enunciados presentes em distintos livros da Sagrada Escritura (Antigo e Novo Testamento).

Metodologicamente, optou-se pela abordagem qualitativa, descritiva e explicativa, a fim de conhecer os dizeres e fazeres que perpassaram e sedimentaram as relações humanas no

¹ Este artigo é resultado de acréscimos e reflexões realizados a partir de uma Tese de Doutorado em Educação, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Ceará, no ano de 2019.

² Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: ciceroedinaldo@live.com.

passado longínquo (GIL, 1999). Utilizando a Sagrada Escritura (Antigo e Novo Testamento) como um monumento histórico-religioso de grande potencialidade para os estudos genealógicos, centra-se atenção especial aos enunciados contidos nos livros dos Profetas, Salmos, Evangelhos e cartas do apóstolo Paulo (BÍBLIA SAGRADA, 2007).

Nesse estudo, a perspectiva genealógica pretende descrever e explicar a dispersão dos acontecimentos, isto é, "manter o que se passou na dispersão que lhe é própria" (FOUCAULT, 1979, p. 21), investigando as (des)conexões enunciativas. Ao trabalhar com a dispersão, com os acasos dos começos e suas tentativas de reiteração, "não pretende voltar ao tempo para restabelecer a continuidade da história, mas procura, ao contrário, restituir os acontecimentos na sua singularidade" (REVEL, 2005, p.52).

Ancorando-se nessa perspectiva, optou-se em trazer elementos conjecturais pensados à luz da História, Filosofia e Teologia (BLAINEY, 2012; BOWKER, 2002; GONZÁLEZ, 2004; HOORNAERT, 2016; JOSEFO, 2013; KÜNG, 2002). Além disso, para o êxito da pesquisa, utilizou-se duas ferramentas analíticas: 1) A dissociação – que refuta a identidade eterna e essencial das coisas visíveis e invisíveis do mundo, procurando apresentar acontecimentos múltiplos, disparatados e até mesmo heterogêneos presentes no "aparecimento" de uma ideia e/ou prática social. 2) A disrupção – que possibilita o corte com o que é visto como verdade transcendente, superior e/ou imutável, permitindo que novos questionamentos sejam realizados sobre o passado (RABINOW; DREYFUS, 1995; VEYNE, 2011).

Para fins de sistematização, o artigo foi organizado em dois momentos de discussão: a) os enunciados referentes as relações pastorais entre o "povo escolhido" (judeus) e o Senhor (Deus único, criador das coisas visíveis e invisíveis do mundo), com ênfase nos livros dos Salmos e dos Profetas; b) os enunciados referentes as relações pastorais entre os cristãos, contidos nos quatro Evangelhos e nas cartas do apóstolo Paulo.

“O senhor é o meu pastor e nada me faltará”: indícios emergentes

Ao longo dos séculos, os judeus se identificaram como "o povo escolhido" de uma divindade poderosa, o Senhor das coisas visíveis e invisíveis do mundo. Preocuparam-se com a reiteração da fé monoteísta para as novas gerações e criaram tradições memorialísticas referentes aos acontecimentos promovidos por essa divindade, transmitindo-as oralmente em comunidades majoritariamente analfabetas (BOWKER, 2002; JOSEFO, 2013).

Ao retornarem do Exílio da Babilônia, alguns letrados do Templo de Jerusalém se interessaram por essas tradições memorialísticas e transcreveram-nas, a fim de fortalecerem a

identidade cultural do “povo escolhido”. Esses letrados transformaram narrativas populares em Literatura, recorrendo a novos recursos de linguagem e roupagens estilísticas em conformidade com os usos literários da época (HOORNAERT, 2016). Paulatinamente, os letrados elaboraram diversos textos que, posteriormente, foram compilados como Escrituras Sagradas. Essas Escrituras tornaram-se norteadoras da fé monoteísta prezada pelos judeus (BOWKER, 2002; JOSEFO, 2013).

Após distintas conquistas de dominação, os judeus se dispersaram em várias localidades. No primeiro século de nossa Era, alguns deles ficaram submetidos às imposições do Império Romano. Apesar disso, conseguiram manter suas práticas religiosas, desde que não corrompessem as investidas de organização política e econômica do Império. Tais judeus almejavam a união do “povo escolhido” e as boas ações do Senhor em suas vidas. No Templo de Jerusalém e nas Sinagogas, eles utilizavam alguns aportes de ensinamento para proteger a fé monoteísta em meio aos desafios cotidianos, tais como a Torá e os Talmudes, livros associados às ações de Moisés e orientações do Senhor ao seu povo.

Entre os ensinamentos repassados, para as novas gerações de judeus, destacavam-se as colocações contidas no livro dos Salmos. Reunindo em torno de 150 textos poéticos, o livro dos Salmos frisava os modos de orar para o Senhor e viver segundo os desígnios d’Ele. Abrangia súplicas individuais e comunitárias, ação de graças, hinos, louvores, lamentações etc. Escrito supostamente pelo rei Davi, a versão final dos Salmos trazia vislumbres sobre novos tempos de bonança, alegria e paz, em meio às intempéries e conquistas externas. Apresentava-se como um esforço imagético e diretivo para entender como o Senhor ausentava-se em algumas situações e como ele mantinha-se coerente com a promessa de salvação do seu povo.

Segundo o livro dos Salmos, aqueles que se consideravam integrantes do “povo escolhido”, deviam acreditar que o Senhor era o supremo pastor e grandes graças estariam por vir, desde que assim Ele o quisesse. O Salmo 28 enfatizava: “O Senhor é a força do seu povo, a fortaleza que salva o seu ungido. Salva o teu povo e abençoa a tua herança! Cuida deles como o seu pastor e conduze-os para sempre” (Sl 28: 8-9). O Salmo 23 aprofundava os vínculos entre condução e salvação, aferindo:

O Senhor é meu pastor e nada me faltará. Em verdes prados ele me faz repousar. Conduz-me junto às águas refrescantes, restaura as forças de minha alma. Pelos caminhos retos ele me leva, por amor do seu nome. Ainda que eu atravessasse o vale escuro, nada temerei, pois estais comigo. Vosso bordão e vosso báculo são o meu amparo. Preparais para mim a mesa à vista de meus inimigos. Derramais o perfume sobre minha cabeça, e transborda a minha taça. A vossa bondade e misericórdia hão de seguir-me por todos os dias da minha vida. E habitarei na casa do Senhor por longos dias (Sl 23).

Enquanto pastor, o Senhor apresentava-se como conhecedor do seu ofício. Abria caminho, protegia e acolhia suas “ovelhas”. Guiava, mas também hospedava seu “rebanho” em vastos e bons pastos, pois era poderoso e triunfante. Além do livro dos Salmos, os livros dos Profetas também eram vistos como fontes de ensinamentos para os judeus e reforçavam a metáfora pastoral. Referentes ao período do Exílio e com distintos personagens principais de ação, os livros dos profetas ajudavam a endossar a fé monoteísta, destacando as relações entre o Senhor e seu Povo.

No período do Exílio, acreditava-se que “a derrota de um povo significava a derrota de seus deuses. Por esse motivo, alguns se perguntavam se não seria mais prudente, então adorar as divindades babilônicas” (BOWKER, 2002, p.194). De acordo com o livro do profeta Ezequiel, a fé devia ser manifestada onde quer que o “povo escolhido” estivesse. Em tempos de privação e incertezas, aqueles que acreditavam na bondade do Senhor deviam esperar que novos dias poderiam sanar os sofrimentos vigentes.

[...] Porque assim diz o Senhor Deus: Eis que eu, eu mesmo, procurarei pelas minhas ovelhas, e as buscarei. Como o pastor busca o seu rebanho, no dia em que está no meio das suas ovelhas dispersas, assim buscarei as minhas ovelhas; e livrá-las-ei de todos os lugares por onde andam espalhadas, no dia nublado e de escuridão. E tirá-las-ei dos povos, e as congregarei dos países, e as trarei à sua própria terra, e as apascentarei nos montes de Israel, junto aos rios, e em todas as habitações da terra. Em bons pastos as apascentarei, e nos altos montes de Israel será o seu aprisco; ali se deitarão num bom redil, e pastarão em pastos gordos nos montes de Israel. Eu mesmo apascentarei as minhas ovelhas, e eu as farei repousar, diz o Senhor Deus. A perdida buscarei, e a desgarrada tornarei a trazer, e a quebrada ligarei, e a enferma fortalecerei (Ez 34: 11-16).

Os escritos do profeta Ezequiel afirmavam que o Senhor tinha agido em algumas ocasiões com a ajuda de alguns seletos escolhidos, homens de fé e recebedores da graça divina. No entanto, alguns soberanos também se apresentavam como pastores e desvirtuavam o “povo escolhido” em direção a caminhos tortuosos, fragilizando-os. Para ele, os responsáveis pelos males que transpassavam o “povo escolhido” provinham dos próprios governantes, que abandonavam aqueles que deviam cuidar, bem como daqueles que sucumbiam as pressões externas e se afastavam dos mandamentos propostos pelo Senhor.

O profeta Zacarias também fazia menção a ideia do Senhor enquanto pastor. Segundo ele, o Senhor podia abandonar ou punir até mesmo aqueles a quem confiava à missão de pastorear: “Ai do pastor inútil, que abandona o rebanho! A espada lhe cairá sobre o braço e sobre o olho direito; o seu braço será de todo mirrado, e o seu olho direito será inteiramente escurecido” (Zc 11:17). E ressaltava alguns motivos da situação de calamidade vigente: “Porque os ídolos têm falado vaidade, e os adivinhos têm visto mentira, e contam sonhos falsos;

com vaidade consolam, por isso seguem o seu caminho como ovelhas; estão aflitos, porque não há pastor” (Zc 10:2).

Para o profeta Jeremias, a dispersão do “povo escolhido” era uma consequência dos atos humanos que vislumbravam ou desvirtuavam das premissas propostas pelo Senhor. Pare ele, o Senhor aferia: “Ovelhas perdidas têm sido o meu povo, os seus pastores as fizeram errar, para os montes as desviaram; de monte para outeiro andaram, esqueceram-se do lugar do seu repouso” (Jr 50:6). E acrescentava:

Ai dos pastores que destroem e dispersam as ovelhas do meu pasto, diz o Senhor. Portanto assim diz o Senhor Deus de Israel, contra os pastores que apascentam o meu povo: Vós dispersastes as minhas ovelhas, e as afugentastes, e não as visitas-tes; eis que visitarei sobre vós a maldade das vossas ações, diz o Senhor. E eu mesmo recolherei o restante das minhas ovelhas, de todas as terras para onde as tiver afugentado, e as farei voltar aos seus apriscos; e frutificarão, e se multiplicarão. E levantarei sobre elas pastores que as apascentem, e nunca mais temerão, nem se assombrarão, e nem uma delas faltará, diz o Senhor. Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que levantarei a Davi um Renovo justo; e, sendo rei, reinará e agirá sabiamente, e praticará o juízo e a justiça na terra. Nos seus dias Judá será salvo, e Israel habitará seguro; e este será o seu nome, com o qual Deus o chamará: O Senhor Justiça Nossa. (Jr 23:1-6).

Assim como o profeta Jeremias, o profeta Isaías percebia o intenso choque de forças entre aquele(s) que profetizava(m) a promessa de salvação e aqueles que não acreditavam em suas palavras. Em meio ao descontentamento e desânimo na fé monoteísta, ele afirmava que o Senhor era o pastor do seu povo e jamais o abandonaria: “Como pastor ele cuida de seu rebanho, com o braço ajunta os cordeiros e os carrega no colo; conduz com cuidado as ovelhas que amamentam suas crias” (Is 40:11).

Em tempos de questionamentos sobre a ajuda efetiva do Senhor, o profeta Isaías reforçava a ideia de condução de uns por outros, desde que relacionadas aos desígnios divinos. Mesmo que esses desígnios fossem expressos no silêncio, a promessa de salvação não devia ser esquecida. Segundo ele, o “povo escolhido” carecia reconhecer a trajetória dos seus antepassados, aceitar os desígnios do Senhor e esperar o cumprimento da promessa.

Falarei da bondade do Senhor, dos seus gloriosos feitos, por tudo o que o Senhor fez por nós, sim, de quanto bem ele fez à nação de Israel, conforme a sua compaixão e a grandeza da sua bondade. ‘Sem dúvida eles são o meu povo’, disse ele; ‘são filhos que não me vão trair’; e assim ele se tornou o Salvador deles. Em toda a aflição do seu povo ele também se afligiu, e o anjo da sua presença os salvou. Em seu amor e em sua misericórdia ele os resgatou; foi ele que sempre os levantou e os conduziu nos dias passados. Apesar disso, eles se revoltaram e entristeceram o seu Espírito Santo. Por isso ele se tornou inimigo deles e lutou pessoalmente contra eles. Então o seu povo recordou o passado, o tempo de Moisés e a sua geração: Onde está aquele que os fez passar através do mar, com o pastor do seu rebanho? Onde está aquele que entre eles pôs o seu Espírito Santo, que com o seu glorioso braço esteve à mão direita de Moisés, que dividiu as águas diante deles para alcançar renome eterno, e os conduziu através das profundezas? Como o cavalo em campo aberto, eles não tropeçaram; como o gado que desce à planície, foi-lhes dado descanso pelo Espírito do Senhor. Foi assim que guiaste o teu povo para fazer para ti um nome glorioso. Olha dos altos céus, da

tua habitação elevada, santa e gloriosa. Onde estão o teu zelo e o teu poder? Retiveste a tua bondade e a tua compaixão; elas já nos faltam! Entretanto, tu és o nosso Pai. Abraão não nos conhece e Israel nos ignora; tu, Senhor, és o nosso Pai e, desde a antiguidade, te chamas nosso Redentor. Senhor, por que nos fazes andar longe dos teus caminhos e endureces o nosso coração para não termos temor de ti? Volta, por amor dos teus servos, por amor das tribos que são a tua herança! Por pouco tempo o teu povo possuiu o teu santo lugar; depois os nossos inimigos pisotearam o teu santuário. Somos teus desde a antiguidade, mas aqueles tu não governaste; eles não foram chamados pelo teu nome (Is 63: 7-19).

Assim como o livro dos Salmos, as diretrizes expressas nos livros dos profetas Ezequiel, Zacarias, Jeremias e Isaías, serviam para sedimentar a fé monoteísta dos judeus no século I. O privilégio de ser identificado como o “povo escolhido” não equivalia a uma capacidade infinita de liberdade, pois eram punidos o oportunismo e a imoralidade entre os desviantes. A fé monoteísta devia ser protegida. O futuro almejado, com paciência e respeito, uma vez que a decisão de salvação não cabia aos homens, mas ao seu Criador.

Segundo os livros dos Profetas e dos Salmos, nota-se que apenas alguns estavam aptos a adentrar nas relações de condução. Por escolha do Senhor, aqueles que tinham a missão de conduzir estavam “à serviço do rebanho” e não a serviço de si mesmos. Os pastores tinham o dever de buscar as “ovelhas” que se desgarravam, para que voltassem a transitar junto com as demais, impedindo que elas fossem direcionadas por caminhos tortuosos. Precisavam manter o sentimento de coletividade, uma vez que o “rebanho” só existia pela presença imediata de sua ação diretiva. Tinham a responsabilidade de não deixar nenhum integrante do “rebanho” disperso e, caso isso acontecesse, deviam procurar, cuidar e recolher quem ousasse desviar do caminho. Se algo maléfico acontecesse para as “ovelhas”, seria culpa dos pastores ou falta de aceitação da vontade de quem os escolheu, uma vez que o Senhor jamais falharia na condução (FOUCAULT, 2008).

A ideia de condução de uns por outros era utilizada para explicar as relações entre o Senhor e seu povo e não para organizar uma instituição pastoral, global e triunfante no mundo. Os sacerdotes do Templo de Jerusalém e os rabinos das Sinagogas não se identificavam como profetas de um novo tempo. Eles tinham a missão de proteger a fé do “povo escolhido” nas futuras gerações. Cabia a eles ler, explicar e interpretar oralmente para os demais, os desígnios do Senhor, bem como suas ações no passado, abrindo caminhos de esperança para o futuro. Os sacerdotes e rabinos também não eram vistos como pastores. O pastor supremo continuava sendo o Senhor e somente Ele tinha a opção de escolher os seus legítimos condutores.

No livro dos Profetas e dos Salmos, nota-se que a salvação tinha um sentido muito específico, isto é, a garantia de subsistência material e espiritual em tempos difíceis. Mais do

que uma salvação para além desse mundo, ela se expressava principalmente neste mundo (FOUCAULT, 2008).

No século I, enquanto esses livros eram citados e recitados como formas de ensinamentos, a ideia de salvação passou a ser ressignificada. Entre os judeus:

[...] a esperança messiânica geralmente estava unida à expectativa de que o reino de Davi seria restaurado nesse mundo, de forma que a tarefa do Messias consistia precisamente em restaurar o trono de Davi e sentar-se nele. Por outro lado, a figura do Filho do Homem, que aparecia muito frequentemente nos círculos apocalípticos, era de caráter mais universal do que o Messias; viria para estabelecer, não um reino davídico nessa terra e sim uma nova era, um novo céu e uma nova terra. Diferente do Messias, o Filho do Homem era um ser celestial, e suas funções incluíam a ressurreição dos mortos e o julgamento final. Essas duas tendências uniram-se com o passar dos anos, e por volta do século 1º apareceram posições intermediárias, em que o reino do Messias seria o último estágio da presente era, e então se seguiria a nova era que o Filho do Homem deveria estabelecer (GONZÁLEZ, 2004, p. 38).

Nessa conjuntura histórica, alguns judeus começaram a acreditar em outro tipo de salvação, onde seria desfrutado o reino e a glória do Senhor. Um tempo em que o “ungido” do Senhor viria ao mundo para salvar o “povo escolhido”, unindo todos num só “rebanho” e com um só pastor. Em meio as tentativas de manter a fé monoteísta e a promessa de salvação, Jesus foi considerado o Cristo (aquele que é “ungido”) e contribuiu para gestar uma nova religião voltada para a obediência ao Senhor.

A emergência da pastoral cristã

Antes e durante a vida de Jesus Cristo, a maioria da população do Império Romano (inclusive grande parte dos judeus) era analfabeta. As “verdades sagradas” eram pronunciadas no Templo e nas Sinagogas, as interpretações não eram permitidas a todos. Os temas, as abordagens, os questionamentos e as reflexões resultantes eram diferenciadas diante do público ouvinte. Nessas circunstâncias, quem ousava escrever sobre “aquilo que era considerado divino” tinha a obrigação de “valorizar a cultura de seus ouvintes, seu jeito especial de se comunicar e de se maravilhar com milagres e feitos extraordinários” (HOORNAERT, 2016, p. 25). Na escrita, a narrativa ficava mais “solta” e a imaginação não era censurada pela razão instrumental daqueles considerados letrados. Logo, a utilização de metáforas era bem-vinda para explicar “as coisas do Alto”.

Nessas circunstâncias, a vida de Jesus Cristo foi registrada em alguns escritos que enfatizavam suas ações e reações em prol da fé no Senhor. Os escritos foram denominados de Evangelho, palavra de origem grega que significa “Boa Nova”. Os Evangelhos intitulados pelos nomes de Mateus, Marcos e Lucas se relacionam. O Evangelho intitulado com o nome de João segue o mesmo padrão de acontecimentos, porém baseia-se em influências distintas. Além dos

Evangelhos, as cartas de Paulo de Tarso – um dos principais expoentes da fé cristã no Império Romano, também contribuíram para apresentar Jesus Cristo como o “Messias”, o “Filho do Homem” a tanto tempo esperado pelos judeus.

Embora seguindo tradições e estilos literários distintos, os Evangelhos e as cartas de Paulo de Tarso foram escritos para responder quem foi e o que fez Jesus Cristo, quais foram seus ensinamentos e aspirações. Assim como os livros que narravam a trajetória dos judeus (Antigo Testamento), esses Evangelhos e cartas (Novo Testamento) foram elaborados como partes significativas de uma Sagrada Escritura: um referencial de fé monoteísta.

Os autores do Evangelho recorreram as Escrituras utilizadas pelos judeus em seus cultos, bem como seus ensinamentos orais. Recriaram a trajetória do “povo escolhido” e seus vínculos com o nascimento de Jesus Cristo (Mt 1). Assinalaram que Jesus Cristo nasceu no primeiro século de nossa Era, em Belém, um lugarejo próximo a Jerusalém que, na época, pertencia ao Império Romano, sob o governo de Otávio Augusto (Lc 2). Aos 30 anos, começou a percorrer algumas aldeias e cidades, pregando a igualdade entre os povos. Aos poucos, conseguiu grande número de seguidores entre os judeus pobres e pagãos (Jo 1).

Segundo os autores do Evangelho, enquanto pregava em favor da crença no Senhor, Jesus Cristo utilizava algumas expressões que já demonstravam contornos de sua missão no mundo, com ênfase especial ao verbo enviar: “Eu vim ao mundo como luz, para que todo aquele que crê em mim não permaneça nas trevas” (Jo 12:46). “Se alguém ouve as minhas palavras e não lhes obedece, eu não o julgo. Pois não vim para julgar o mundo, mas para salvá-lo” (Jo 12:47). “Aquele que não me ama não obedece às minhas palavras. Estas palavras que vocês estão ouvindo não são minhas; são de meu Pai que me enviou” (Jo 14:24).

Valendo-se de parábolas, em uma de suas pregações, Jesus Cristo proclamou:

Na verdade, na verdade vos digo que aquele que não entra pela porta no curral das ovelhas, mas sobe por outra parte, é ladrão e salteador. Aquele, porém, que entra pela porta é o pastor das ovelhas. A este o porteiro abre, e as ovelhas ouvem a sua voz, e chama pelo nome às suas ovelhas, e as traz para fora. E, quando tira para fora as suas ovelhas, vai adiante delas, e as ovelhas o seguem, porque conhecem a sua voz. Mas de modo nenhum seguirão o estranho, antes fugirão dele, porque não conhecem a voz dos estranhos. Jesus disse-lhes esta parábola; mas eles não entenderam o que era que lhes dizia. Tornou, pois, Jesus a dizer-lhes: Em verdade, em verdade vos digo que eu sou a porta das ovelhas. Todos quantos vieram antes de mim são ladrões e salteadores; mas as ovelhas não os ouviram. Eu sou a porta; se alguém entrar por mim, salvar-se-á, e entrará, e sairá, e achará pastagens. O ladrão não vem senão a roubar, a matar, e a destruir; eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância. Eu sou o bom Pastor; o bom Pastor dá a sua vida pelas ovelhas. Mas o mercenário, e o que não é pastor, de quem não são as ovelhas, vê vir o lobo, e deixa as ovelhas, e foge; e o lobo as arrebatou e dispersa as ovelhas. Ora, o mercenário foge, porque é mercenário, e não tem cuidado das ovelhas. Eu sou o bom Pastor, e conheço as minhas ovelhas, e das minhas sou conhecido. Assim como o Pai me conhece a mim, também eu conheço o Pai, e dou a minha vida pelas ovelhas. Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; também me convém agregar estas, e elas ouvirão a minha voz, e haverá um

rebanho e um Pastor. Por isto o Pai me ama, porque dou a minha vida para tornar a tomá-la. Ninguém tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou; tenho poder para a dar, e poder para tornar a tomá-la. Este mandamento recebi de meu Pai (Jo 10:1-18).

Jesus Cristo percorria cidades e aldeias, ensinando nas Sinagogas, pregando a promessa de salvação e curando enfermidades e moléstias entre o povo. Ele se identificava como o “Bom pastor”, aquele que conhecia suas “ovelhas” e guiava-as rumo à salvação. Um pastor que era capaz de dar a vida pelas suas “ovelhas” para que elas reconhecessem o poder benfazejo do Senhor. Um pastor que não apenas guiava por determinados caminhos, mas que era “o caminho” (Jo 14:6), para se chegar à salvação.

Em certa ocasião, vendo as multidões que se formavam ao seu redor, “teve grande compaixão delas, porque andavam cansadas e desgarradas, como ovelhas que não têm pastor” (Mt 9:36). Outra vez, argumentando em favor de ações para o arrependimento das “ovelhas desgarradas”, Jesus Cristo usou a seguinte parábola:

‘Quem de vós que, tendo cem ovelhas e perdendo uma delas, não deixa as noventa e nove no deserto e vai em busca da que se perdeu, até encontrá-la? E depois de encontrá-la, a põe nos ombros, cheio de júbilo, e, voltando para casa reúne os amigos e vizinhos, dizendo-lhes: Regozijai-vos comigo, achei a minha ovelha que se havia perdido’. Digo-vos que assim haverá mais júbilo no céu por um só pecador que fizer penitência do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento (Lc 15:4-7).

Através dos ensinamentos de Jesus Cristo, instaurava-se, paulatinamente, um novo tipo de relação pastoral. Entre Jesus Cristo e suas “ovelhas” surgia atos, valores e comportamentos de mútuo conhecimento e comunhão, perpassados pela obediência. As “ovelhas” obedeciam ao que ele dizia e o seguia nos caminhos que ele apresentava como certo. Em troca, recebiam ensinamentos e até mesmo curas físicas e espirituais.

Curioso notar que Jesus Cristo escolheu 12 apóstolos dando-lhes a missão de difundir a fé no Senhor. Advertiu que os escolhidos seriam odiados por causa do seu nome, perseguidos e presos. Apesar disso, os escolhidos tinham a missão de pregar por toda a parte as maravilhas e benevolência do Senhor (Mt 10:12).

De acordo com os quatro Evangelhos, durante uma ceia, juntamente com seus 12 apóstolos, o “Bom pastor” apresentou uma prática de comunhão entre todos, mas afirmou que um deles o trairia. Logo, temia-se a concretização de uma profecia milenar: “Ferireis o pastor e as ovelhas do rebanho serão dispersadas” (Zc 13:7).

Acusado de ser um líder rebelde e popular, contrário aos soberanos romanos, além de blasfemar contra as crenças milenares dos judeus, Jesus Cristo foi condenado à morte na cruz. Após o terceiro dia da sua morte, difundiu-se a crença de que ele tinha ressuscitado e aquele que confiava nisso também podia renascer para uma nova vida. Com a ressurreição se libertava

do pior inimigo da existência humana: a morte. Acreditava-se que o “Bom pastor” tinha sacrificado sua própria vida para “trazer de volta a Deus o rebanho perdido”. O “Bom pastor” tinha optado pelo sacrifício “não apenas pelo rebanho em geral, mas por cada uma das suas ovelhas em particular” (FOUCAULT, 2008, p.202).

Segundo os 4 Evangelhos, após a ressurreição, Jesus Cristo conviveu novamente com seus apóstolos e discípulos mais próximos. Depois, ascendeu aos céus, em corpo e alma. O “Reino de Deus” estava cada vez mais perto de se efetivar, assim como o Juízo final. Antes do seu desaparecimento, Jesus Cristo teria professado uma missão para os apóstolos: “[...] vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos” (Mt 28: 18-20).

Após a ressurreição de Jesus Cristo, os apóstolos começaram a realizar novas ações para manter a fé no “Bom pastor”. Passaram a ser denominados de “embaixadores de Cristo” (II Co 5:20), “servidores de Cristo e administradores dos mistérios de Deus” (II Co 4:1). Eles acreditavam que Jesus Cristo tirava as suas “ovelhas” de um recinto de opressão e formava um novo tipo de “rebanho”. Pregavam em favor da conversão, assinalando que o Senhor tinha permitido uma nova reconciliação com o mundo. Antes do Juízo final, a missão concedida a eles era continuar o que Jesus Cristo tinha começado na terra: conduzir a humanidade rumo à salvação. Uma salvação que não se referia (apenas) a ajuda terrena, mas a algo transcendental. Para além dos limites humanos da morte.

Durante o século I, na vastidão do Império Romano, o politeísmo ainda era frequente. Entre os judeus, alguns não aceitavam a suposta ressurreição de Jesus Cristo, outros o viam como um “falso Messias”. Entre aqueles que acreditavam no “Bom pastor”, também havia discordâncias na fé, pois alguns acreditavam que Jesus Cristo era “o filho de Deus”, enquanto outros acreditavam que ele era o próprio Deus, em carne e sangue, vindo ao mundo para promover a salvação (HOORNAERT, 2016).

Em tempos de “ampliação do rebanho do Senhor”, alguns dos novos convertidos (gentios) passaram a frequentar o culto ao Senhor, visitaram as Sinagogas, aceitaram os mandamentos e frequentaram as festividades das comunidades judaicas. Outros convertidos, que já praticavam o judaísmo, não conseguiram abdicar de seus rituais e leis, embora também acreditassem nos ensinamentos de Jesus Cristo. Após a destruição do Templo de Jerusalém, em 70, alguns “judeus cristãos”, que participavam das novas comunidades, voltaram as suas crenças de origem, desencantando-se da fé emergente. Enquanto outros permaneceram fiéis aos

ensinamentos de Jesus Cristo e seus apóstolos, principalmente à promessa de salvação (BLAINEY, 2012).

Em suas cartas, Paulo de Tarso contribuiu decisivamente para novos contornos do Cristianismo. Segundo ele, o Senhor almejava que todos fossem “salvos” e chegassem “ao conhecimento da verdade” (1Tm 2:4), por isso tinha enviado seu filho unigênito para salvar a humanidade. Um gentio, isto é, aquele que não compartilhava dos preceitos dos judeus, podia tornar-se cristão sem se converter previamente ao Judaísmo.

Utilizando de pressupostos intelectuais e teológicos em seus argumentos, Paulo afirmava que após a vinda de Jesus Cristo ao mundo terreno e sua ressurreição, o Senhor tinha ampliado o “povo escolhido”, incluindo, com base na fé, aqueles que não eram descendentes de Abraão. O “rebanho” não se restringia mais a descendência das “ovelhas”. Referia-se a todos os cristãos – aqueles que acreditavam em Jesus Cristo – que obedeciam aos direcionamentos suscitados e esperavam o retorno do “Bom pastor” no Juízo final. As comunidades cristãs, formadas por esse “novo povo”, não estavam mais submetidas as imposições da Lei judaica (KÜNG, 2002).

Nas comunidades cristãs, acreditava-se que era viável a escolha de alguns seletos homens para conduzir as “ovelhas” à espera da salvação, embora não soubessem quando seria o Juízo final. Não era qualquer um, de qualquer jeito e com qualquer tipo de referencial doutrinário que se tornava digno de conduzir os demais. De acordo com Paulo, a vocação pastoral não era uma escolha livre, mas “um chamado” que não podia ser negado. A função podia se extinguir durante certo tempo, a vocação não. Vistos como representantes dos apóstolos, os bispos eram considerados os “novos pastores da humanidade” desde que respeitassem o “chamado do Senhor”.

Em tempos de questionamentos sobre a fé cristã, o cargo de bispo não era representado como algo estavelmente seguro ou requerido por muitos, pois ficava sob suspeita de desordem e constante perseguição. As ameaças externas não representavam uma oportunidade de desistência do “chamado do Senhor”. A renúncia a própria vontade era um fator decisivo para a vocação pastoral. Renunciava-se a si, para servir ao Senhor.

Paulo aconselhava práticas cotidianas para aqueles que eram chamados a integrar o episcopado, isto é o conjunto de pastores, aferindo: “Antes de tudo, recomendo que se façam súplicas, orações, intercessões e ações de graças por todos os homens” (1Tm 2:1). Além disso, cotidianamente, cada um tinha o dever de:

[...] ser irrepreensível, casado uma só vez, sóbrio, prudente, regrado no seu proceder, hospitaleiro, capaz de ensinar. Não deve ser dado a bebidas, nem violento, mas

condescendente, pacífico, desinteressado; deve saber governar bem a sua casa, educar seus filhos na obediência e na castidade. Pois quem não sabe governar a sua própria casa, como terá cuidados com a Igreja de Deus? Não pode ser um recém-convertido, para não acontecer que, ofuscado pela vaidade, venha a cair na mesma condenação que o demônio. Importa, outrossim, que goze de boa consideração por parte dos de fora, para que não se exponha ao desprezo e caia assim nas ciladas diabólicas (1Tm 3: 1-7).

Se os bispos tinham o privilégio de decodificar o que estava registrado sobre Jesus Cristo, também podiam desencadear heresias. Logo, sua vocação era de extrema importância para a manutenção da verdadeira fé. Aliás, quando os Evangelhos começavam a ser interpretados por outros vieses, os próprios pastores deviam discernir o que era condizente com a Sagrada Escritura, contrapondo-se a concepções “que causavam controvérsias em vez de promoverem a obra de Deus” (1Tm 1:4).

Os bispos não deviam se identificar como superiores as suas “ovelhas”, mas seus servidores permanentes. Nas ações pastorais, cabia a eles se tornarem “exemplos para as suas ovelhas”, ensinando com integridade e seriedade (Tt 2:7).

A tarefa de ensino não é uma tarefa unidimensional, não se trata simplesmente de dar determinada lição aos outros, mas de uma coisa mais complicada. O pastor deve ensinar por seu exemplo, por sua própria vida, e aliás o valor desse exemplo é tão forte que, se ele não dá uma boa lição com sua própria vida, o ensino teórico, verbal, que vier a ministrar será obscurecido por isso mesmo (FOUCAULT, 2008, p. 238)

Cabia aos bispos lembrar constantemente alguns posicionamentos para as “ovelhas”, tais como a sujeição aos governantes e às autoridades, bem como a obediência aos desígnios do Senhor. Por isso, aconselhava-os: “[...] sejam obedientes, estejam sempre prontos a fazer tudo o que é bom, não caluniem ninguém, sejam pacíficos, amáveis e mostrem sempre verdadeira mansidão para com todos os homens” (Tt 3:1-2).

Paulo advertia que os ensinamentos dos bispos deviam estar em sintonia com a crença de que Jesus Cristo era o “Messias” e o “Filho do Homem” a tanto tempo esperado, aquele que guiaria as “ovelhas” para a salvação. Segundo ele, os bispos podiam contribuir para a salvação das “ovelhas” desde que estivessem apegados a doutrina, para rebater as postulações daqueles que a contradiziam. Suas ações eram úteis para que os fiéis não continuassem “[...] agitados por qualquer sopro de doutrina, ao capricho da malignidade dos homens e de seus artifícios enganadores” (Ef 4: 14). Logo, era viável um estudo assíduo da Sagrada Escritura, a fim de que obtivessem a sabedoria necessária para ensinar o que aprenderam.

Os bispos deviam atentar-se para as especificidades de suas “ovelhas”, ensinando modos de ser e estar no mundo condizentes com a Sagrada Escritura.

Ensine os homens mais velhos a serem moderados, dignos de respeito, sensatos e sadios na fé, no amor e na perseverança. Semelhantemente, ensine as mulheres mais velhas a serem reverentes na sua maneira de viver, a não serem caluniadoras nem

escravizadas a muito vinho, mas a serem capazes de ensinar o que é bom. Assim, poderão orientar as mulheres mais jovens a amarem seus maridos e seus filhos, a serem prudentes e puras, a estarem ocupadas em casa, e a serem bondosas e sujeitas a seus maridos, a fim de que a palavra de Deus não seja difamada. Da mesma maneira, encoraje os jovens a serem prudentes (Tt 2: 2-6).

Segundo Paulo, quem aceitava Jesus Cristo como seu salvador e não desistia da fé herdaria “a vida eterna no Reino de Deus” (Rm 14:17). A promessa de salvação devia ser reiterada para as gerações vindouras, pois ensinava “a renunciar à impiedade e às paixões mundanas e a viver de maneira sensata, justa e piedosa nesta era presente” (Tt 2: 11-13).

Apesar das represálias e perseguições, em finais do século I, valendo-se da vocação pastoral, os bispos começaram a organizar e articular comunidades cristãs maiores, ganhando visibilidade local ou até mesmo regional perante as “ovelhas” e os demais “servidores de Cristo” (presbíteros e diáconos). No entanto, suas ações ainda eram limitadas. Muitos cristãos acreditavam que o retorno do “Bom pastor” estava cada vez mais próximo. A presença dos pastores em suas vidas não era uma necessidade inevitável. A fé sobressaía-se, pois não havia obrigações rígidas para com os novos pastores. Nos séculos seguintes, essa concepção mudou drasticamente, uma vez que a condução se tornou o ponto central entre a manutenção da fé monoteísta e a promessa de salvação (FOUCAULT, 2008).

Considerações finais

Esse artigo teve o objetivo de compreender a emergência da pastoral cristã a partir de uma perspectiva genealógica, focalizando os enunciados presentes em distintos livros da Sagrada Escritura. Considera que, embora a pastoral cristã tenha se desenvolvido mais rapidamente a partir do século III (FOUCAULT, 2008), seus elementos basilares remetem ao século I.

A partir das discussões apresentadas, considera que a emergência da pastoral tem indícios nos livros do Antigo Testamento, mais especificamente nos livros dos Profetas e dos Salmos. Esses livros sinalizam relações de condução entre o “povo escolhido” (judeus) e o Senhor (uma divindade única e poderosa, criadora das coisas visíveis e invisíveis do mundo), além de apontar promessas de salvação e a manutenção da fé monoteísta entre os judeus.

No século I, a partir de (des)conexões enunciativas com essa ideia de pastoral, partes do Novo Testamento, em especial os Evangelhos e as cartas do apóstolo Paulo, contribuíram para a emergência da pastoral cristã. Nos Evangelhos, Jesus Cristo foi considerado o “Bom pastor”, o salvador da humanidade, e seus apóstolos responsáveis por continuar a disseminar a promessa

de salvação até os confins do mundo. Nas cartas de Paulo, nota-se alguns efeitos da resignificação pastoral, tais como a ampliação da noção de “rebanho” (conversão global) e a caracterização dos novos pastores (os bispos). Nota-se também alguns aspectos de identificação e regulamentação dos modos de existência, para os condutores (pastores) e conduzidos (“ovelhas”).

Em suma, é possível considerar que a pastoral cristã emergiu no século I, a partir de (des)conexões enunciativas da Sagrada Escritura e almejava ações práticas de condução. Até então, a vontade de condução articulava-se a manutenção da fé monoteísta e a promessa de salvação. Nos séculos seguintes, novos desdobramentos da pastoral cristã reorganizaram esses elementos basilares, aperfeiçoando-a e tornando-a cada vez mais globalizante, hierárquica e institucionalizada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BÍBLIA SAGRADA. *Bíblia*. São Paulo: Editora Ave Maria, 2007.
- BLAINEY, George. *Uma breve história do cristianismo*. Curitiba: Editora Fundamento, 2012.
- BOWKER, John. *Deus: uma breve história*. São Paulo: Globo, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo, Atlas, 1999.
- GONZÁLEZ, Justo. L. *Uma história do pensamento cristão. v. 1: do início até o concílio da Calcedônia*. São Paulo: Cultura cristã, 2004.
- HOORNAERT, Eduardo. *Origens do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 2016.
- JOSEFO, Flavio. *História dos hebreus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2013.
- KÜNG, Hans. *A Igreja Católica*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- RABINOW, P. & DREYFUS, H. *Michel Foucault – uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- REVEL, Judith. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. São Paulo: Claraluz, 2005.
- VEYNE, Paul. *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2011.